

emscher park iba
corrigir o passado, prevenir o futuro

luís pinto de faria

arquitecto, doutorando na ceul

mestre assistente, faculdade de ciência e tecnologia,
universidade fernando pessoa

lpintof@ufp.pt

Resumo

O programa IBA de Emscher Park demonstrou que uma região degradada e condenada à partida ao total desmantelamento, pode ser, simultaneamente, sob um novo olhar, o principal trunfo para a sustentabilidade e competitividade da região. Contrariando a visão clássica de intervenção urbanística baseada numa perspectiva segundo a qual, num determinado espaço de tempo, por via de uma intervenção estática específica sobre o território podemos preestabelecer resultados objectivos, este programa desenvolveu uma estratégia global, aberta à transformação, assente sobre sinergias locais e regionais, e potenciadora dos recursos paisagísticos, ambientais e sociais existentes.

Palavras-chave: “IBA Emscher Park”, Recuperação, Transformação, Arquitectura, Urbanismo

I. Um novo “olhar”

Não é novidade que as permanentes transformações económicas, sociais e tecnológicas observadas na sociedade actual, conduzem à rápida desactualização de produtos, serviços e práticas.

Não só o computador, o carro ou o telemóvel são permanentemente reactualizados, substituídos e ultrapassados. Componentes urbanas, como vias, fábricas, equipamentos ou edifícios de habitação também se tornam obsoletos muito rapidamente, exigindo-se a sua rápida substituição ou readaptação.

Seja por uma estética «ultrapassada», por um processo construtivo julgado agora deficiente, pela utilização de materiais entretanto verificados nocivos, ou pela desadequação funcional – não só em termos de uso, mas também em termos sociais, urbanos e ambientais – bairros sociais degradados, áreas industriais abandonadas ou equipamentos gigantescos actualmente desocupados são exemplos de alguns dos “grandes” problemas herdados do século XX com os quais temos hoje de conviver, eliminar ou reintegrar.

A opção mais imediata, arrasar para fazer de novo, apesar de, por vezes, ser a única alternativa viável, é também, frequentemente, a mais gravosa em termos sociais, económicos



Fig.01 | Emscher park iba. Alemanha.
Fotografia do Autor.

e ambientais. A transformação dos espaços e edifícios obsoletos e a sua reintegração no novo habitat são um desafio permanente ao desenho urbano do século XXI.

II. A região do Ruhr

A região do Ruhr é a das mais populosas da Alemanha com cerca de 5,1 milhões de habitantes. Apesar de, em 1840, a generalidade dos aglomerados populacionais ainda se inscrever nos seus limites medievais, a rápida industrialização da zona conduziu a que, entre 1905 e 1955, a população passasse de 2,9 a 6,2 milhões de habitantes. No entanto, o gradual encerramento das agora obsoletas indústrias de carvão e aço conduziu a uma progressiva redução destes números, contando-se que em 2015 seja da ordem dos 4,5 milhões.

Apesar da sua dimensão, esta região não apresenta cidades ditas principais; foi urbanizada como um subúrbio, através da importação gradual de população rural e da sua rápida aglomeração junto das indústrias que, sem constrangimentos, colonizaram rapidamente o espaço disponível.

Dado o actual funcionamento débil ou mesmo o encerramento definitivo das referidas indústrias, apenas menos de metade da população activa está empregada sendo a receita fiscal por agregado familiar muito inferior da média alemã. As cidades, para além de comportarem os custos financeiros e sociais do desemprego, são assim também penalizadas pela consequente reduzida colecta de impostos, vendo a sua capacidade de investir praticamente inexistente.

No entanto, explicar esta crise apenas pela antiguidade das indústrias tradicionais do Ruhr não é suficiente, pois aqui todos os sectores económicos, em particular o terciário, desenvolveram-se menos do que em qualquer outro lugar na Alemanha. Como refere Karl Ganser (2000:5), “Há um défice de local, uma falta de atractivos”.

Atendendo à localização estratégica desta região no panorama europeu, ao facto de possuir uma rede de infra estruturas das mais densas da Alemanha e de usufruir uma oferta cultural situada entre as mais variadas da Europa, de onde resulta esta fraqueza regional?

Sob esta óptica, o caso de Emscher Park, na região do Ruhr, na Alemanha, é uma referência incontornável do panorama urbanístico recente.

Segundo as autoridades locais são duas as razões fundamentais: um ambiente hostil à inovação, marcado por empreendimentos sobredimensionados e pouco habituado à competição, e a falta de “[...] qualidade urbana e paisagística”. (Ganser, 2000:5)

Como procurar suplantar estas deficiências? Segundo Karl Ganser (2000), procurar competir com outras cidades europeias ao nível dos cânones urbanos tradicionais seria uma batalha perdida.

“[...] Isto faz-nos inventar uma nova regra de jogo, isto é, tratar uma riqueza que nós somos os únicos a possuir: nós temos uma paisagem surpreendente, temos a terra baldia, a floresta virgem dentro da cidade; nós temos como catedrais os fornos altos. Valorizá-los não é caro – nós somos pobres e isso obriga-nos a ter de obter efeitos com poucos de meios, estando certos que estas transformações irão transformar mentalidades.” (Ganser, 2000:5)

Assim, pressionados pela crise sócio económica instalada, bem como pela necessidade urgente de dar solução à pesada herança industrial, tanto em termos de infra estruturas e equipamentos como da contaminação generalizada dos solos e da água, o governo de Westfalia cria em 1989, para uma duração de 10 anos, um IBA (Internationale Bauausstellung), instrumento de execução com larga tradição nos círculos arquitectónicos Alemães.

Denominado IBA Emscher Park, este programa abrangeu uma área de cerca de 800 quilómetros quadrados e 2 milhões de habitantes, tendo como objectivo principal promover o desenvolvimento social, cultural, urbano e ecológico como base para a desejada transformação económica da região (Cfr. Beatley, 2000:384-87).

Um dos pontos de partida da operação foi o lançamento de um concurso de ideias, através do qual cerca de 400 participantes puderam emitir um olhar crítico sobre a complexidade ecossistémica da região, nomeadamente no que diz respeito à interacção de temas como

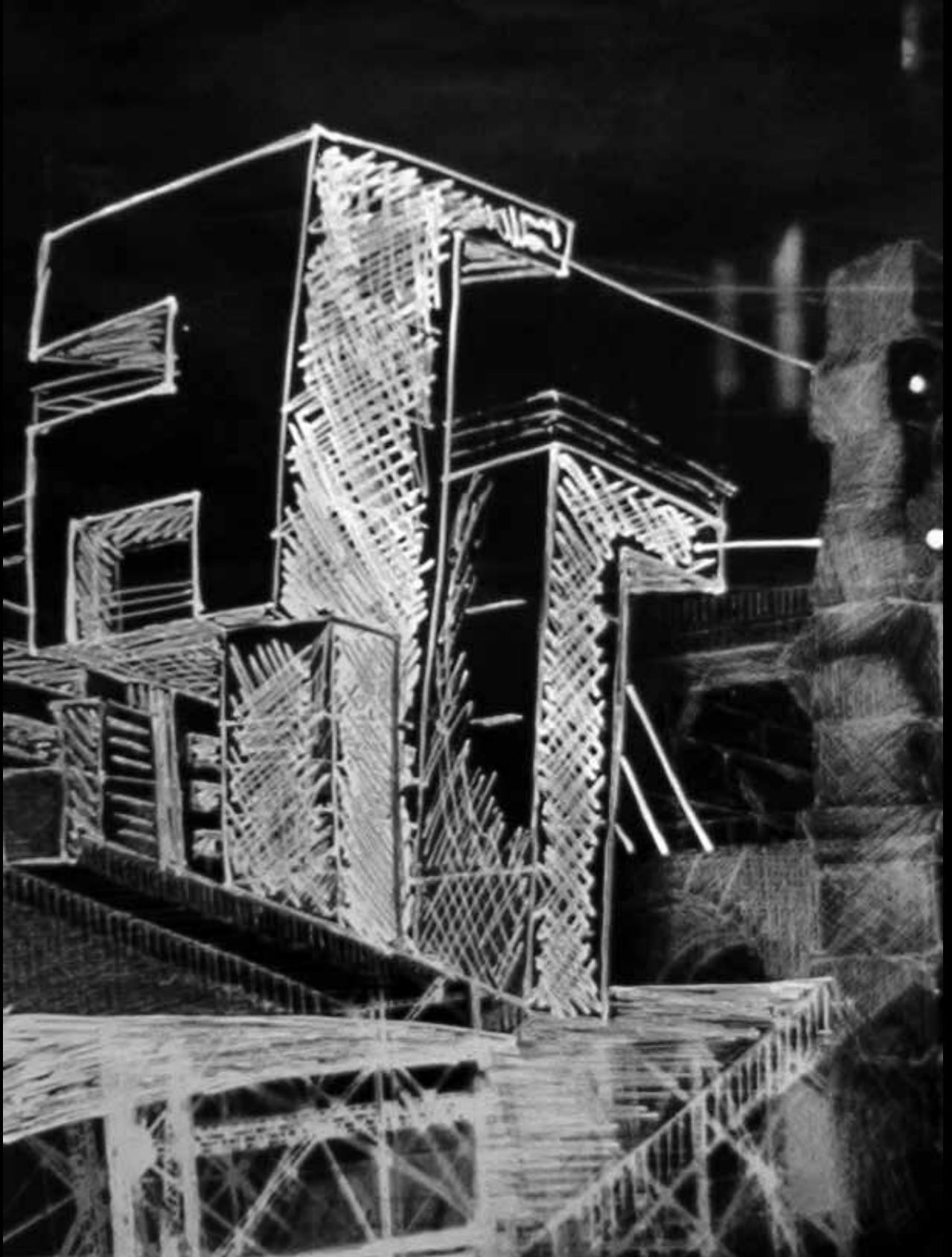


Fig.02 | Estudo de volumes. Cadeira de Composição I.
Autoria Pedro Costa. Novembro de 2003.

a economia, a ecologia, a cultura, o contexto social, a arquitectura e o urbanismo.

A organização, gestão e materialização do projecto desenvolveu-se sob a coordenação do Professor Karl Ganser, contando com cerca de 30 técnicos, bem como com 18 consultores de áreas científicas diversas.

Neste processo, o IBA dialogou com autoridades governamentais, indústrias, associações, bem como com as autarquias e população em geral dos 17 municípios abrangidos pelo projecto.

Durante os 10 anos de duração deste programa, foram desenvolvidos cerca de 120 projectos, distribuídos por 6 grandes áreas de intervenção: Estrutura Verde, Revitalização da rede hidrológica de Emscher, Trabalho, Monumentos Industriais, Habitação e Desenvolvimento Urbano e Programa Social.

1. Estrutura Verde

Com a colaboração das 17 cidades existentes em Emscher, foi desenvolvido o projecto Parque Emscher, que abrange uma área de cerca de 300 quilómetros quadrados, e integra numa estrutura única toda uma rede de zonas verdes existentes e a revitalizar.

Recuperando o conceito de “corredor verde regional” desenvolvido pelo Siedlungsverband Ruhrkohlenbezirk (Sociedade de Habitação do Distrito das Minas de Carvão do Rhur) nos anos 20, o projecto criou uma rede de parques, interligados, com significado a nível Europeu. Foram criados 131 quilómetros de caminhos para peões e bicicletas, reservas naturais, parques “simbólicos” com testemunhos da história da região, parques “descoberta” propícios a vistas alargadas sobre a região, “buffer zones” localizados entre o parque e as zonas urbanas adjacentes com atractivos específicos ao usufruto da população, bem como todo o enquadramento ecológico ao programa de despoluição e requalificação do rio Emscher e seus canais, fundamental ao sucesso deste programa. Apesar do IBA ter terminado em 1999, estima-se que serão necessários mais 30 anos para consolidar todo o processo.

2. Revitalização ecológica da rede hidrológica de Emscher

O rápido crescimento demográfico e industrial do início do século XX conduziu a que os

cerca de 350 km de linhas de água que constituem o essencial da rede hidrológica de Emscher, rapidamente, se transformassem num enorme esgoto a céu aberto.

O IBA promoveu a despoluição e re-naturalização dos riachos, voltando a integrá-los na agora criada estrutura verde, restabelecendo a biodiversidade e fomentando uma nova política ambiental. Apesar de terem sido construídas novas estações de tratamento e redeseenhados novos sistemas de colectores de águas residuais domésticas e de águas pluviais, os municípios são forçados a continuar a reforçar medidas concretas para evitar a poluição dos rios sendo qualquer contaminação rigorosamente quantificada e devidamente compensada monetariamente, e os valores pagos pelos municípios posteriormente aplicados em novas infra-estruturas (Cfr. Hough, 1998:151). Mesmo o cidadão individual paga a água que lança para os sistemas de esgotos, sendo a tarifa calculada com base na área impermeável da sua propriedade determinada a partir de fotografias aéreas.

3. Trabalho

Como já referimos, nesta região, as indústrias coincidiam com o centro dos aglomerados populacionais. O seu encerramento deixou um vazio físico e social que urgia ser preenchido.

O projecto IBA, financiado pelo governo e pela iniciativa privada, desenvolveu nestas áreas centrais cerca de 530 hectares de novas superfícies de comércio, serviços e parques tecnológicos, suportados por instalações privilegiadas em termos ecológicos e arquitectónicos. Estes projectos exemplares, de grande valor simbólico e pedagógico, contribuem não só para a requalificação do contexto físico e ambiental mas também para promover e albergar novas indústrias e negócios. A formação profissional aos desempregados é uma prioridade e estão a ser dados importantes incentivos a novas indústrias que ali se desejem instalar.

4. Monumentos Industriais

As estruturas industriais abandonadas, pela sua dimensão e simbolismo, representam testemunhos arquitectónicos fundamentais do passado industrial da região. Simultaneamente, são referências geográficas importantes na paisagem e na estrutura urbana das cidades.

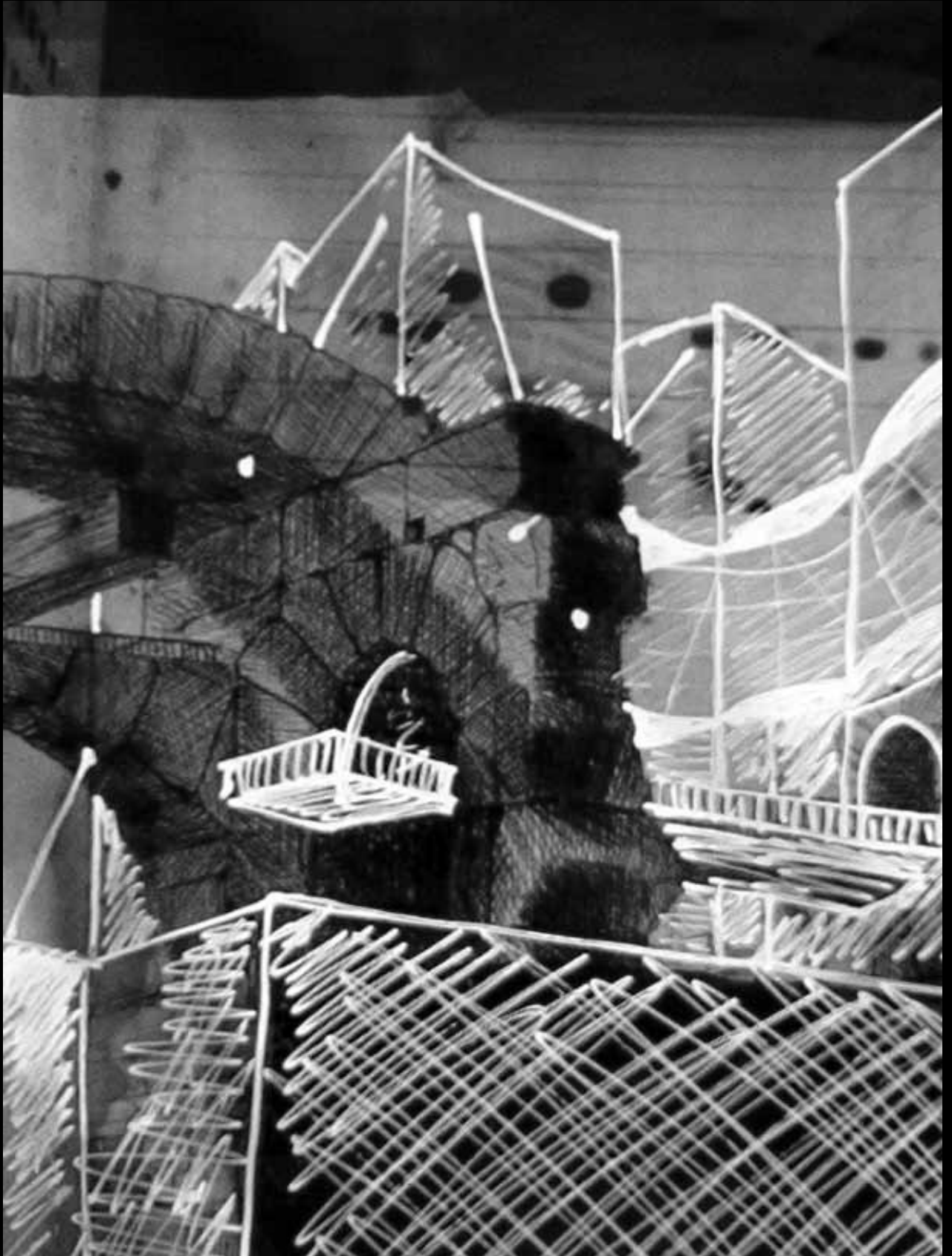


Fig.03 | Estudo de volumes. Cadeira de Composição I.
Autoria Pedro Costa. Novembro de 2003

Assim, no lugar de arrasar estas ruínas industriais, o IBA convidou diversos artistas plásticos internacionais a redescobrirem aqueles espaços, a proporcionarem um novo olhar sobre o existente, a descobrirem novas potencialidades de uma herança que, para o bem ou para o mal, se sabia querer integrar. O maior gasómetro da Europa, o de Oberhausen, transforma-se num teatro, sala de concertos e exposições; a fábrica de aço Thyssen, em Meiderich, transforma-se num importante centro cultural, com salas de concertos, exposições, restaurante, divertimentos para as crianças e habitat de diversas plantas e animais, alguns dos quais em perigo de extinção.

A mina de carvão de Zollverein, em Essen, fundada em 1932 e considerada das maiores minas do mundo, foi abandonada depois do seu encerramento em 1986. Hoje é um dos mais bem sucedidos “monumentos industriais” do IBA, albergando diversos grupos de teatro, um centro de design e um museu.

5. Habitação

Diversos arquitectos e urbanistas internacionais foram chamados a participar no projecto de cerca de 2.500 habitações bem como na requalificação de aproximadamente 3.000 outras. O objectivo foi atingir “[...] standards ecológicos, sociais, arquitectónicos e urbanos de alto nível [...]” (IBA, 1993:s.p.), capazes de, apesar da sua extensão, interligação e abrangência, integrar a especificidade dos deficientes, dos idosos ou das crianças.

Um dos exemplos de intervenção, verificou-se no aglomerado de Welheim, formado no início do século XX com base nos princípios da “cidade jardim” Inglesa, e mantendo-se até hoje com a estrutura urbana original. Convictos da mais-valia que representa preservar a estrutura organizativa deste aglomerado, com mais de 1000 habitações, o IBA, em conjunto com a população, procedeu à recuperação e modernização do interior e exterior dos edifícios, à sua optimização em termos funcionais e

III. Conclusão

Desde os primeiros meses de existência do IBA, foi distribuído aos principais actores da sociedade, bem como à população em geral,

ecológicos, bem como ao aperfeiçoamento de todo o conjunto de infra-estruturas do aglomerado.

Outro exemplo de sucesso foi o de Schun- gelberg em Gelsenkirchen, onde o modelo de cidade jardim, foi desenvolvido apenas parcialmente entre 1903 e 1919. Neste caso o IBA, em colaboração com os residentes e com o apoio da THS, um tipo de Cooperativa Habitacional de Mineiros, promoveu não só a reabilitação das estruturas existentes mas também a conclusão do referido modelo «cidade jardim», dando início à construção de mais 230 habitações, bem como de uma série de equipamentos públicos.

Noutros casos, as famílias mais carenciadas foram encorajadas a aderir ao programa “Construa simples e por si própria”, tendo sido devidamente auxiliadas e orientadas na construção da sua própria casa.

A valorização destes habitats, no seu todo, tornou estes aglomerados novamente competitivos em relação a outras povoações vizinhas.

6. Programa Social

O IBA teve como prioridade a integração da população activa local no desenvolvimento dos seus projectos, constituindo-se não só como bolsa de emprego temporário mas fundamentalmente como agente formador e dinamizador de novas áreas de trabalho; no sentido de criar novas redes de trabalho dentro das comunidades, e simultaneamente fomentar a reciclagem de espaços e edifícios abandonados, foram financiados diversos projectos empresariais locais, independentemente das condições sócias ou culturais dos promotores (cf. IBA, 1999). As condições de financiamento prendem-se fundamentalmente com a adaptação dos projectos ao plano de “Desenvolvimento Regional Integrado”¹ do IBA, nomeadamente no que diz respeito à transformação da estrutura produtiva da região num modelo ecologicamente sustentável.

um documento de 60 páginas a apresentar os princípios fundadores do programa IBA. Alguns slogans faziam o resumo: um país novo,

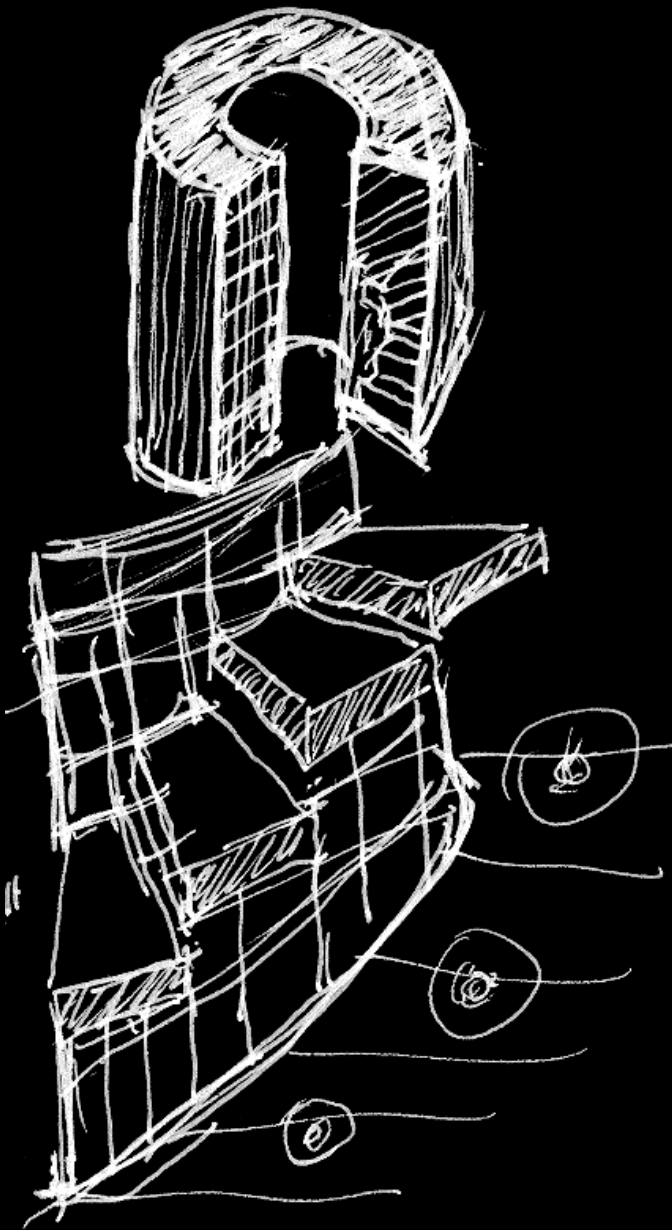


Fig.04 | Estudo construtivo para Projecto. Cadeira de Projecto II .
Autoria Manuel Gomes. Junho 2003.

fundado numa nova cultura; nenhum engano ecológico novo; um desenvolvimento urbano duradouro que obedece a um princípio de circuito fechado – não crescer à superabundância e usar o que existe, sem crescimento, não construir de novo enquanto houver edifícios vagos, investir no centro da região, re-densificar as antigas zonas industriais.

No lugar de defender um modelo de desenvolvimento assente sobre novos traçados, novas manchas de ocupação ou novas áreas funcionais, o IBA apostou na “via indirecta”: aceitar um impacto económico adiado, preparando primeiro o território. A ideia foi tornar atraente o ambiente da região, na esperança de influenciar a economia e a sociedade: “Evitemos planos novos então, defendamos uma estratégia e levemos a cabo somente os projectos que respondem a esta estratégia.” (Ganser, 1996:84.)

O reconhecimento de que o modo como é concebido um edifício ou um lugar específico tem ressonâncias directas no processo de revitalização ambiental, económica ou social de uma região, conduziu este IBA à definição de um dos principais pilares da sua estratégia de planeamento – “Architecture Organizing Urban Planning”.

“Através da qualidade arquitectónica determinada numa base de caso a caso, e moderada por uma autoridade qualificada, nós permitimos o planeamento urbano de baixo para cima.” (Ganser, 1996:84.)

Este princípio, enquadrado por toda uma política de informação e mesmo de propaganda à participação e adesão ao projecto, permitiu o desenvolvimento de diversas experiências exemplares, estrategicamente implantadas no território, capazes de germinar naturalmente, já sem a orientação do IBA, outros novos projectos, permanentemente em readaptação ao tempo e lugar onde se desenvolvem. A ausência do grande plano, rígido, datado e de autor, dá lugar à estratégia:

- Estratégia de envolver a população na aprendizagem do significado histórico da sua região, dos seus dramas e das suas mais-valias, convidando-a a intervir activamente na sua transformação;
- Estratégia de cooperação real e permanente entre economistas, arquitectos, ecologistas,

- artistas, bem como outros saberes, na definição de prioridades e planos de acção;
- Estratégia de integração de uma política de emprego consistente com a abertura a novos compromissos ambientais e sociais;
 - Estratégia de conservação e recuperação dos recursos naturais da região com fins não só ambientais e sociais mas também políticos e económicos;
 - Estratégia de revalorização dos símbolos de presença de uma identidade regional ameaçada.

notas

¹ A estratégia deste programa incide sobre quatro aspectos fundamentais: reutilização de terrenos no sentido de prevenir nova devastação de zonas verdes; manter, modernizar e reutilizar edifícios existentes; incorporar práticas ecológicas tanto nos novos edifícios como na recuperação dos existentes e por fim, transformar a estrutura produtiva da região num modelo ecologicamente sustentável. cf. Ganser, (1996: 78)

Referências Bibliográficas

Beatley, Timothy (2000). *Green Urbanism. Learning from European Cities*. Canadá: Island Press.

Ganser, Karl (1996). *Change Without Growth?* In: *Architektur-Biennale Venedig*, s.p.

Ganser, Karl (2000). *La philosophie et la démarche de l'IBA*. In: *Projet Urbain*, nº21, Setembro: 4-7.

Hough, Michael (1998). *Naturaleza y Ciudad*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, SA.

IBA (1993). *Examples from an Industrial Region in Transition*. Berlim: IBA Emscher Park.

IBA (1999). *IBA'99 Finale*. Berlim: IBA Emscher Park.